

UMA PONTE NO ABISMO: MINHA TRAJETÓRIA NO DOUTORADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS DA UNEMAT

UN PONT SUR L'ABÎME: MON CHEMIN AU DOCTORAT EN ÉTUDES LITTÉRAIRES A UNEMAT

Dimas Evangelista Barbosa Junior
Doutor pelo PPGEL/UNEMAT

Em 2015, iniciei minha trajetória no doutorado, sob a orientação do professor Agnaldo Rodrigues da Silva, que havia me orientado, também, no mestrado. Quando soube que havia passado no processo seletivo, para ingressar no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), fiquei apreensivo, num primeiro momento, devido à responsabilidade que eu haveria de assumir daquela ocasião até a defesa da tese. Durante esse período, recebi uma

bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que garantiu o custeio das minhas despesas, durante os quatro anos de pós-graduação, nos quais assumi dedicação exclusiva.

Após esse primeiro momento de preocupação, diante das responsabilidades que um doutorado exigia, comecei a notar as oportunidades que o ingresso num programa de pós-graduação me possibilitaria. Pude me dedicar aos estudos relacionados ao meu objeto. Tempo precioso. Os momentos de solidão, de pesquisa, de estudo e de reflexão não só sobre meu objeto de investigação, mas também sobre assuntos, ideias, áreas do conhecimento, a ele relacionados, possibilitou-me o contato com diferentes visões de mundo.

O doutorado também me permitiu participar de eventos acadêmicos em diferentes universidades públicas do país. Os diálogos estabelecidos com outros estudantes e professores da área, mais a pesquisa, enriqueceram a linguagem com a qual eu pude tecer minha leitura do mundo, bem como tecer a análise e interpretação do meu objeto: o estudo da relação problemática entre o trágico e o absurdo no teatro do dramaturgo brasileiro Plínio Marcos.

No decurso da minha vida acadêmica, o sentido da palavra teatro distendeu-se para a vida.

Em 2016, quando eu estava no segundo ano do doutorado, tomei conhecimento do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), ofertado pela CAPES. A perspectiva de fazer um intercâmbio no exterior despertou-me interesse. Realizei a inscrição e consegui uma bolsa para estagiar na Universidade de Coimbra (UC), Portugal, por quatro meses. Novamente, um horizonte de possibilidades, que o ingresso num programa de pós-graduação de uma universidade pública, se abria para mim.

Antes de realizar o intercâmbio no exterior, mudei-me para Niterói, Rio de Janeiro. Lá, tive a chance de assistir a espetáculos teatrais, participar de uma oficina de teatro, e de atuar numa peça teatral, na cidade vizinha, São Gonçalo. Além da vivência cultural, em museus, exposições de arte, saraus de poesia, shows, etc., também cursei uma disciplina de pós-graduação sobre teatro ocidental,

“Rir para não chorar: teatro, ironia e dissonância”, ministrada pelo professor André Dias, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Viver em outro Estado brasileiro enriqueceu meu conhecimento acerca da cultura da sociedade brasileira.

Lá em Portugal, na cidade de Coimbra, conheci meu coorientador, o professor José Luís Pires Laranjeira, referência viva nos estudos sobre literaturas de língua portuguesa em países africanos. Lá, assisti à cadeira de História do teatro ocidental e Teatro latino.

Na época em que estive em Coimbra, acontecia um festival de arte na cidade, com cinema, performances, espetáculos teatrais, exposições de artes plásticas e de esculturas, dentre outras formas artísticas.

Coimbra é uma cidade onde há efervescência cultural e acadêmica. Na cidade, moram estudantes de diferentes regiões de Portugal, bem como de outros países da União Europeia. Os polos da UC estão espalhados pela cidade, e se misturam com as construções históricas, igrejas, catedrais, etc.

Conhecer a cultura portuguesa me fez reconhecer alguns aspectos da cultura brasileira sobre os quais eu não havia refletido, antes do intercâmbio. O contato com a variedade linguística do português europeu me levou a considerar o fenômeno da língua em sua complexidade social. Essa nova perspectiva me ajudou a compreender, de outra maneira, meu objeto de pesquisa.

Na minha investigação sobre as relações entre o trágico e o absurdo no teatro de Plínio Marcos, eu havia ressaltado a dificuldade de comunicação entre as personagens. Assim como no teatro do absurdo, as falas das personagens do dramaturgo brasileiro apresentavam falas automáticas, que poderiam refletir um estado de alienação e reificação humana.

No entanto, enquanto no teatro do absurdo a forma dos diálogos eram caricaturais, fazendo das personagens dessas estéticas teatrais marionetes automáticas, no teatro de Plínio Marcos, as falas das personagens possuíam certa verossimilhança, de maneira que não eram caricaturais, na minha leitura inicial.

Esse aspecto das falas das personagens da obra do santista

se aproximava de uma representação de uma variedade linguística não só de uma região do país, mas também da variedade linguística do português brasileiro. O contato com a variedade linguística do português europeu me levou a interpretar a relação do trágico com o absurdo na variedade linguística do português brasileiro representada pelo teatro de Plínio Marcos como uma relação que ocorreria na própria cultura brasileira, marcada pela banalização do absurdo e pelo discurso trágico sobre a realidade, como um mecanismo de defesa contra o próprio autoritarismo e violência quotidianos.

Essa violência representada pelas falas das personagens de Plínio Marcos pode ser considerada como herança de uma violência epistêmica, que é mantida pelos discursos trágicos sobre a realidade apresentados pela mídia, e pelas máximas sentenciosas apresentadas pelas personagens do dramaturgo brasileiro.

Essas máximas sentenciosas são como rodas dentadas que engendram movimento à engrenagem trágica representada pelo corpus, que, por sua vez, representa aspectos da cultura brasileira. Nesse sentido, os estudos do antropólogo Jean-Pierre Vernant sobre as tragédias gregas como representação da consciência trágica de um período histórico de transição cultural de tensão entre o pensamento mítico e o pensamento jurídico em formação nos ajudou a construir o objeto de pesquisa.

Comparando a estrutura das tragédias clássicas com a estrutura do corpus, pudemos perceber uma semelhança entre a categoria do *daímon* com a angústia representada nas situações-limites a que as personagens chegam. Interpretamos a violência, representada no corpus, como uma projeção da angústia no outro, visto como causa do sofrimento interno, e essa relação simultânea de dependência e repulsa, entre as figuras dos textos do dramaturgo, produz a ironia trágica na sua obra, fruto de uma época de tensão e transição cultural, no Brasil (Tropicalismo, contracultura, regime militar, etc.) e no Ocidente.

Na obra do dramaturgo santista, o reconhecimento trágico pode ser visto como reconhecimento da violência que ultrapassa as personagens, tal como o *daímon* ultrapassava o herói trágico grego.

Assim, quando as personagens atingem a consciência trágica do absurdo elas se submetem a uma engrenagem trágica e alienante, reproduzindo a violência social, da qual elas são, a um só tempo, sujeito e objeto.

Após a reviravolta e revelação trágica, as personagens reconhecem o próprio automatismo. Após a experiência do absurdo, veem-se como instrumentos da ideologia, tal como herói trágico grego via-se como instrumento dos deuses.

O estudo sobre a obra do dramaturgo brasileiro foi de grande valia para a minha formação acadêmica e humana. Os diálogos estabelecidos com outras culturas também me possibilitaram uma compreensão mais alargada do fenômeno da literatura e da língua portuguesa, como fenômenos sociais dinâmicos. O reconhecimento do automatismo nas falas das personagens de Plínio Marcos me fez repensar a categoria do diálogo dramático, não mais como protocolos operacionais de comunicação, mas como uma ponte possível entre abismos nas relações humanas.